

Sarah Suzane Bertolli

OBSERVADORA E SENSÍVEL,
FILÓ, A MENINA DE CHINELO DE DEDO,
AINDA NÃO SABE, MAS ESTÁ PRESTES
A DESCOBRIR QUE TODO MUNDO
ENTENDE DE ALGUMA COISA E QUE
NÃO EXISTE UM CONHECIMENTO MAIS
IMPORTANTE QUE O OUTRO.
QUEM VAI ENSINAR ISSO A ELA?
É A MENINA DE SAPATOS COR-DE-ROSA.

A MENINA DE CHINELO DE DEDO

IAP -Bjb. Prof. Vanda dos Santos Cândido
02/09/2019
755179



Casa
Publicadora
Brasileira

BER
MEN

Instituto Adventista Paranaense
Biblioteca
Prof. Vanda dos Santos Candido
Class _____
Cutter _____
Tombo _____
Disc. R\$ _____
Data _____

A MENINA DE CHINELO DE DEDO

Sarah Suzane Bertolli

Instituto Adventista Paranaense
Biblioteca
Prof. Vanda dos Santos Candido

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Direitos de publicação reservados à
Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Ligação Gratuita: 0800-112710
E-mail: sac.didaticos@cpb.com.br

Gerência de Didáticos
Alexander Dutra
Coordenação Pedagógica
Goretti Cândido

Coordenação Editorial
Sueli Ferreira de Oliveira
Editoração
Sueli Ferreira de Oliveira e Ariane M. Oliveira
Revisão
Cecília Ortolan

Projeto Gráfico
Fábio Fernandes e William Lobo
Ilustrações
Flaper

IMPRESSO NO BRASIL/Printed in Brazil
1ª edição – 3ª impressão
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bertolli, Sarah Suzane
A menina de chinelo de dedo / Sarah Suzane
Bertolli. – Tatuí, SP : Casa Publicadora
Brasileira, 2017.

ISBN: 978-85-345-2454-4

1. Histórias bíblicas – Literatura infantojuvenil
2. Literatura infantojuvenil I. Título.

17-06537

CDD-028.5

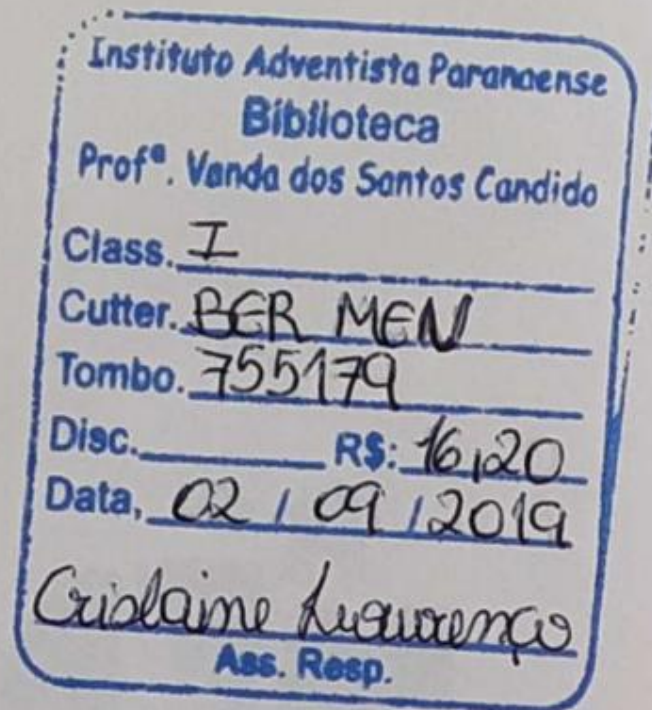
Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Os textos bíblicos citados neste livro foram extraídos
da Nova Versão Internacional, salvo outra indicação.



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, sem prévia autorização escrita da autora e da Editora.



"Sem dúvida, há diversos idiomas no
mundo; todavia, nenhum deles
é sem sentido."
(1 Coríntios 14:10)

Dedicatória

Ao meu Deus, meu guia e inspiração em todos os momentos.

Ao meu esposo, Robson Gonçalves, e aos nossos filhos, Gabriel e Giovanna, por tornarem minha vida completa e especial.

Às Filós e às Carlas de todo o Brasil, que entendem que ninguém sabe tudo, mas todo mundo pode ensinar alguma coisa.





Recostada à rede velha da avó, encontramos Maria. Miúda, de olhos vivos, pequenos e curiosos, ela observa a noite engolir o céu, o galinheiro de D. Ana, a casa do primo Zé e o terraço todo.

Maria, filha de Maria, neta de Maria, tem por nome quase completo Maria Filomena, mas todos em Santana do Cariri a chamam de Maria Filó.

A menina vê a lua, que parece estar de barriga cheia e grande, e pensa: "A noite é tão misteriosa e quieta!"

Mas o silêncio se quebra com ruídos delicados da natureza: a serenata dos grilos, os acordes graves do sapo e o bailar dos vaga-lumes.

O cheiro de bolinho de feijão invade a varanda, e Filó fica com água na boca. Os lábios secos e esbranquiçados se apertam de expectativa. Espera.

– Filó! Vem, Filó!
Teu *comê* vai *esfriá*.

A lua parece sorrir para a menina. Ela retribui.

Não, a vida não é tão ruim como havia dito Seu João da Rapadura.

Ele estava errado ao praguejar, ao sussurrar que não valia a pena. Ela suspira profundamente. Mamãe dissera que ele tinha ido embora assim, fraquinho demais e sem esperança. Tão triste isso!

Como a vida pode ser ruim? Certamente é mentira. E, ao fechar os olhos, ela sente a noite mais de perto, com seus aromas intensos e seus mistérios.

– Filó! – a mãe grita sem parar.

E logo a pequena nordestina de tantos sonhos e lembranças corre cozinha adentro.



Os pais comem em silêncio, devagar, como que para render o pouco alimento. As crianças riem um riso inocente e sem motivo. Filó, a mais velha, começa a perceber uma coisa curiosa, algo que jamais observara: a mãe tem rugas! O pai sempre diz que a mãe é a garota mais bonita do Ceará. Não que ele conhecesse tudo, todos os lugares e pessoas. Ele deve dizer isso para agradar; às vezes, dá certo! A mãe mantém os cabelos lisos e grossos arrumados em tranças, o corpo esguio é de moça, mas a cara envelhecera: tem rugas!

“Isso deve significar alguma coisa. Ninguém amanhece nova e entardece velha”, pensa Filó.

– Meninos, preciso *falá* uma coisa – a voz do pai está grave e preocupada. – Seu Firmino vendeu a terra *prum* moço da Capital. Logo ele chega e não sei se vai *precisá* de trabalhador. Parece que ele não quer *plantá* nada, faz é pesquisa, alguma coisa assim.



As rugas da mãe agora ficam brilhantes, como aquele traço de purpurina que aparece no céu de vez em quando. Ela está chorando. Filó nunca tinha visto a mãe chorar; nem quando os gêmeos nasceram, e olha que ela sentiu muita dor. Gritou a noite toda, mas não derramou nem uma lagrimazinha. Chora agora, bem quieta e concentrada no pai.





– Então, não *vamo precisá* mais acordar cedo pra fazer rapadura?

O pai olha para o Pedrinho. Filó chega a pensar que ele vai ralhar com o menino, mas seus olhos revelam ternura.

– Não.

– Oba!

– *Vamo nos ajeitá*, não se avexem.

Talvez *nóis* passe um tempo na casa da D. Ana; ela prometeu ajudar.

Filó olha pela janela e vê que uma chuva fina sai de dentro da lua. Ela também parece chorar.

A menina acorda antes dos outros. As galinhas caminham preguiçosamente pelo quintal. Os irmãos dormem, e o pé de Pedrinho sai por um remendo no fundo da rede, balançando de um jeito engraçado.

É então que ela vê: o sol nascendo, a poeira grossa, a caminhonete. E, depois, o homem de óculos pesados e a menina de cabelos ondulados e castanhos. Eles descem longe da casa e começam a observar tudo. Filó trata de acordar a mãe, que chama o restante da família. Todos ficam espreitando, em um misto de ansiedade e medo. Eles se aproximam mais e mais. A garota serelepe corre livre pela terra seca, como se fosse um pássaro que acaba de ser liberto.

O pai de Filó coloca o chapéu e as botas surradas que tinham pertencido ao Vô Inácio. Parece um tamanduá-bandeira ao encontrar sua presa; o jeito como olha o moço da cidade grande é um tanto ameaçador.

– Bom dia! O senhor deve ser o Genésio. É um prazer conhecê-lo. Sou Carlos.

Comprei a terra do Seu Firmino recentemente... E, bem... O senhor já deve saber de toda a história...

Filó descobre que a menina engraçada que não parava de pular e rodopiar é filha do novo patrão e se chama Carla.

Também fica sabendo que ela ama rosa e só gosta de vestir roupas dessa cor,



em várias tonalidades. “Que estranho! O bonito é colorido”, pensa ela, mas não diz nada.

Brincando com Carla e Pedrinho no quintal, perto do galinheiro, ela observa a expressão do pai: parece satisfeito com alguma coisa, quase feliz. A mãe deve estar na cozinha preparando alimento; quem sabe, pão. A expectativa de saboreá-lo com manteiga da terra lhe dá arrepios de contentamento.

A mangueira frondosa que serve de balanço parece até maior e mais verde.

As crianças tagarelam sobre plantas e bichos.
Exaustas, sentam-se no chão poeirento.

– Você estuda aqui perto? – pergunta Carla.

– Não vou mais à escola.

– Por que é longe?

– Não por isso – Filó não quer conversar sobre o assunto, mas a menina dos cabelos castanhos e grossos talvez seja insistente. – É longe, um ônibus leva a gente até a ponte e depois tem que andar mais um pouco. Apesar de não estar mais na escola, eu gostava, ia rindo pelo caminho, era divertido.

O olhar curioso da menina faz Filó continuar:

– Mas tive problemas lá. Não consigo aprender, não entendo as coisas direito.

– Duvido. Você parece ser muito esperta. Nunca conheci ninguém que soubesse o nome de tantas árvores e plantas como você. Nem papai entende disso.

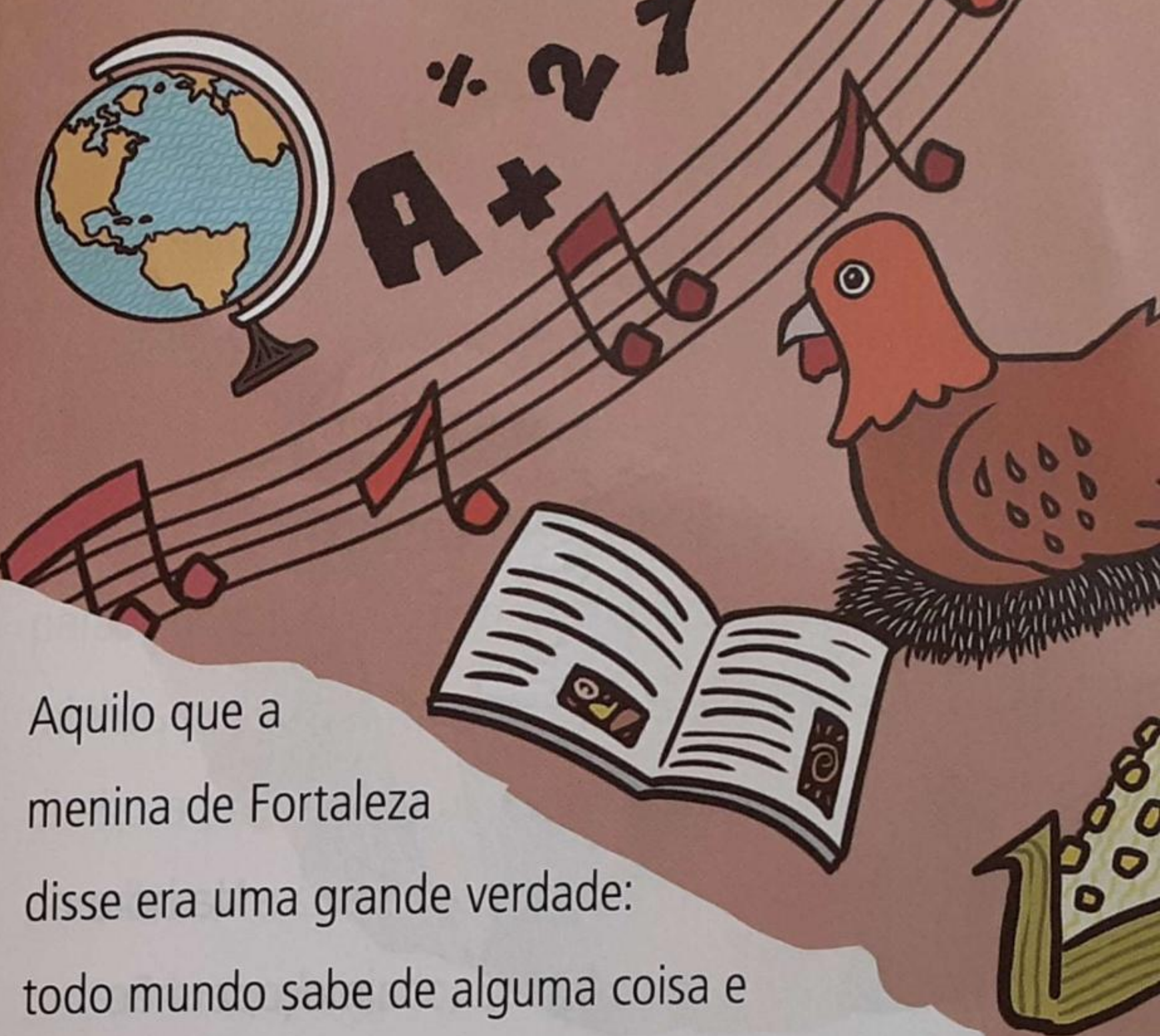
Filó não está acostumada a receber elogios e sorri, tímida e ruborizada.

– Um dia, fiquei muito triste – a menina olha os próprios pés, como se lhe recordassem aqueles momentos. – Mamãe tinha parido os gêmeos e eu estava cuidando de *Pedrim*, varri a casa, alimentei as galinhas... Sabe? Fiquei ocupada com as coisas da casa, não deu pra estudar. No outro dia, nesse que fiquei bem triste, eu não sabia falar sobre nada. Nem de números, nem de letras. Era dia de prova, e a professora fez as perguntas. Eu errei todas! – Filó sente crescer dentro dela a angústia sufocante de lembrar daquilo, vontade de chorar, de gritar, de esquecer. – Fiquei com vergonha porque não consegui acertar nem uma perguntinha sequer... Depois disso, nunca mais voltei. Falei pra mamãe que queria ajudar mais aqui, que ela precisava de mim...

Carla fica abatida também.
Nunca conhecera uma criança que
não frequentasse a escola.

– Iremos juntas à escola. Ninguém sabe
de tudo, Filó! Cada pessoa sabe um tanto
e ensina outra. Daí, todo mundo aprende alguma
coisa. Sabia que eu vou estudar por perto? Vou morar
aqui. Papai disse que vai reformar aquela casa –
e Carla aponta para a casa antiga de Seu Firmino.

As duas ficam paradas, olhando uma para a outra,
alegres e comovidas com a conversa. Seriam amigas
inseparáveis. Carla promete ensinar as letras a Filó;
ela sabe ler livros e fazer contas. Também decora
datas importantes e nomes de países bem distantes.
Filomena diz que pode ensinar a amiga a cozinhar,
a cuidar da fazenda que agora é dela, a compor
músicas... e explicar mais sobre os animais e as plantas.

A colorful illustration at the top of page 21. It features a globe on the left, a musical staff with red notes and a treble clef in the center, an open book with a small illustration on the page below it, and a brown chicken on the right. The background is a warm, reddish-brown color.

Aquilo que a
menina de Fortaleza
disse era uma grande verdade:
todo mundo sabe de alguma coisa e
não existe conhecimento mais importante
que outro; os saberes são apenas diferentes. Agora,
Filó se sente até sabida.

– *Vamo*, tenho que fazer minhas tarefas do dia.
Carla acompanha Filó enquanto ela joga
milho para as esfomeadas galinhas, vai ao tanque
desencardir os chinelos, dá banho nos gêmeos.



Na hora do
almoço, a mãe

pega emprestada a louça de D. Ana e coloca na mesa a refeição favorita da família: ovo frito, farofa e feijão. Carla pensa que não vai gostar da comida tão diferente, mas ela se surpreende: está uma delícia! Seu Carlos conversa animadamente com Seu Genésio, fala da vida na cidade grande e da vontade de plantar mais na fazenda porque isso ajudará nas pesquisas.

– Irei custear tudo aqui. Economizei bastante e tenho minhas rendas extras. Podem vender o que não irei usar nas pesquisas e ficar com o dinheiro, podem até mesmo formar uma fazenda mais de subsistência. Meu interesse é a terra, a capacidade de produção, para que possa escrever minha tese, levar adiante minhas pesquisas. Agora, Genésio, você é meu braço direito aqui. Quero que cuide de tudo, que possa dar o melhor pra sua família.

– Muito obrigado, Seu Doutor! – os olhos do pai de Filó brilham, parecendo que ele vai chorar, mas deve ser apenas um cisco.

– Pode me chamar de Carlos. Fazia muito tempo que eu não me sentava para comer uma refeição tão gostosa e em tão boa companhia, com um homem tão sábio, tão cheio de bagagem e ideias como o senhor.



Filó vê que o pai estufa o peito como se fosse um galo garnisé.

A mãe amanhece nova. As rugas em volta dos olhos sumiram, como por milagre, e ela está iluminada e tão linda.

D. Ana entra sem pedir licença e, com seu sorriso mais redondo, diz trazer uma travessa de uma modesta sobremesa: cocadas.

Todos sentam-se na varanda, as crianças pelo chão mesmo, e comem mais do que devem. Só param por causa do olhar da mãe, que parece dizer: "dor de barriga". Empolgadas, mas obedientes, as crianças nem resmungam. Filó e Pedrinho pegam suas colheres de brincar para mostrar à Carla o que mais gostam de fazer: catar minhocas. A menina da cidade fala que acha aquilo muito estranho, e até bizarro. Mesmo assim, logo está lambuzada de terra.

A menina ri muito da competição criada para ver quem encontra “a maior minhoca do mundo”. Mais tarde, o pai de Filó usará a “campeã” como isca para pegar mais peixes.

– Sabia que meu pai é paleontólogo?

– Palen... O quê? – agora Filó parece confusa.

– Paleontólogo. Ele pesquisa sobre animais que viveram no passado, como os dinossauros, por exemplo. Aqui em Santana do Cariri tem um museu de paleontologia; por isso nos mudamos para cá.

– Eu sei sobre os dinossauros. D. Ana contou que eles viveram na Terra antes do dilúvio. Deus criou esses animais, assim como criou todos os outros.

– Dilúvio? O que é isso?

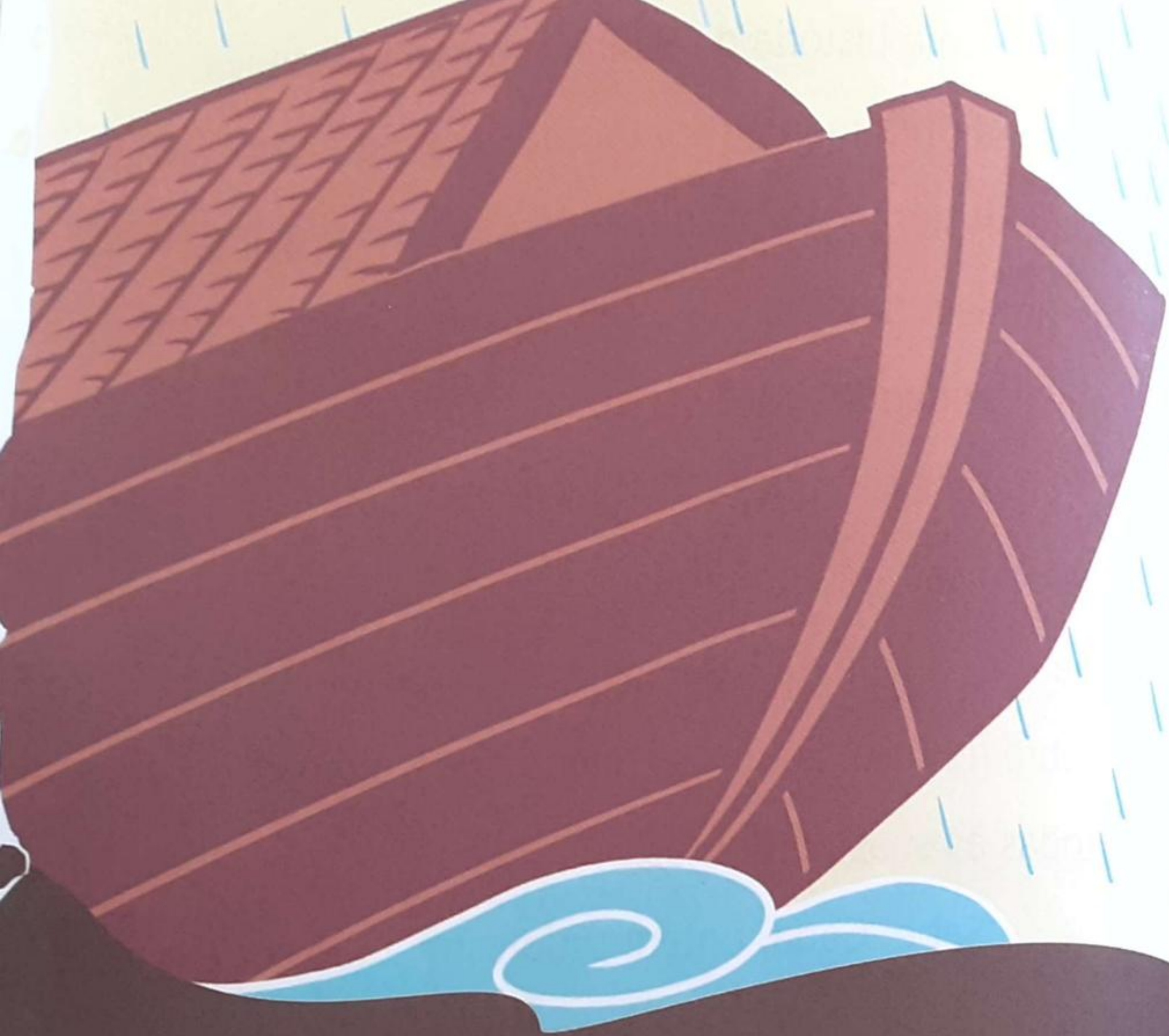
A menina de cabelo cor-de-casca-de-árvore parece muito esperta, mas Filó fica feliz em compartilhar algo que sabia.

– É uma história da Bíblia. Uma grande chuva. Vou pedir pra mamãe contar pra você. Tem também outras histórias: do menino que derrotou o gigante, do homem na cova dos leões, do povo que atravessou o mar andando. Você vai gostar!

Carla está curiosa. Ninguém lhe falara sobre Deus, parecia ser assunto proibido na família... Agora, ela está diante de Filó, que demonstra saber muito sobre a Bíblia. Sua nova amiga poderá responder a todas as suas perguntas.

– Sabe, Carla, ontem tudo estava tão cinza e triste por aqui. Ficamos preocupados. Deus trouxe vocês para alegrar nosso dia. Agora, espreita, todos estão sorrindo. Nem precisava ser dia para ver como está tudo tão claro, cheio de luz.

As duas se olham. Uma amizade para a vida toda começa assim: repleta de cumplicidade e harmonia.



– Sua mãe também vem morar aqui? – Filó queria fazer essa pergunta desde que eles chegaram, mas não tinha achado coragem.

Carla larga a colher no chão e chega mais perto da amiga:

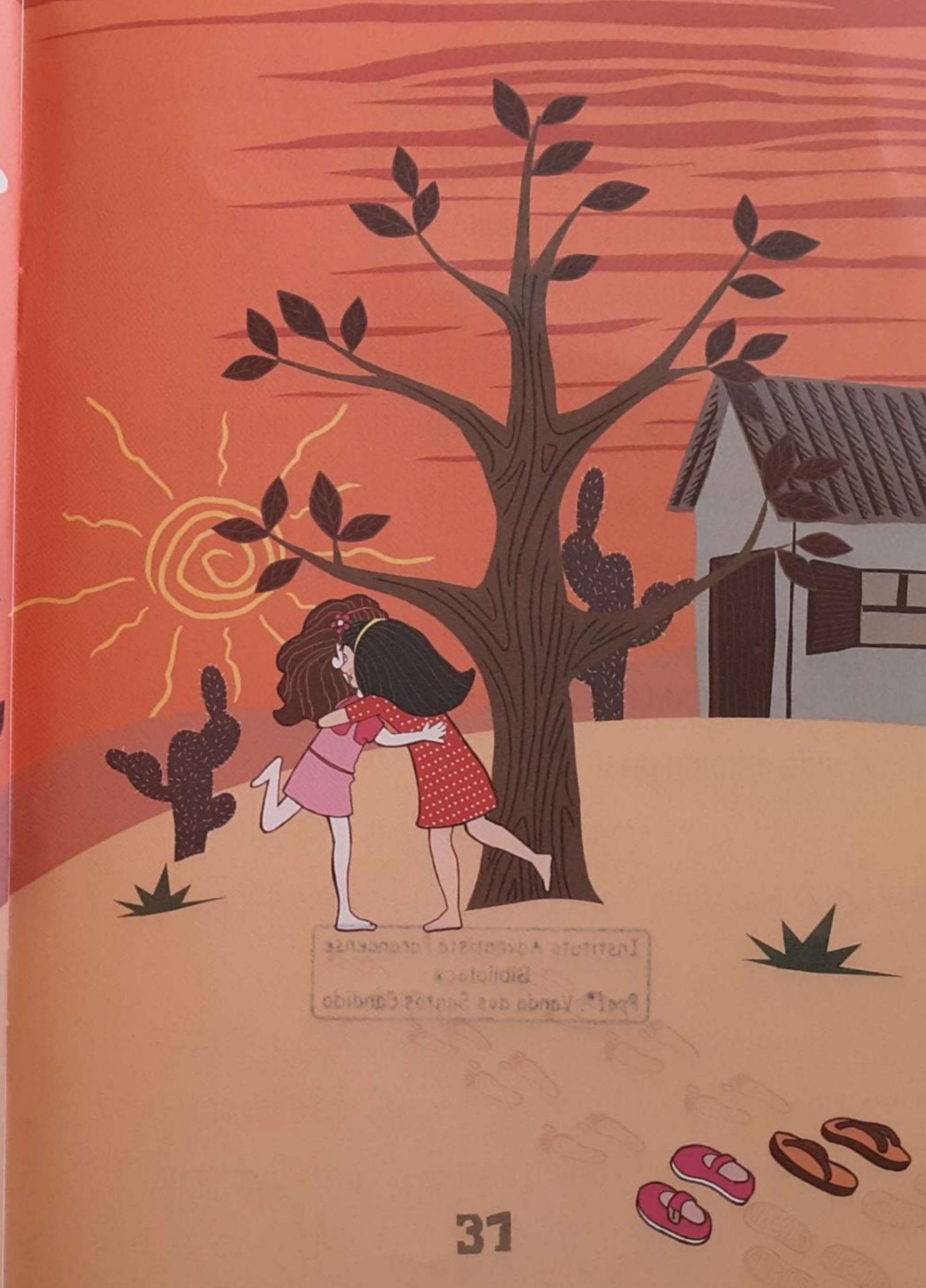
– Somos apenas papai e eu – diz baixinho.

– Mamãe faleceu quando eu era bem novinha.

Filó fica triste; ela nunca tinha conhecido uma criança sem mãe.

– Posso lhe emprestar a minha mãe. O que você acha? Ela já tem muitos filhos, mas não se importará de cuidar de você.

É quando acontece. As duas meninas se abraçam forte e choram de felicidade, descobrindo que, apesar de isso ser estranho, existem mesmo lágrimas de alegria.



Elas são tão diferentes... A mistura das cores dos cabelos castanho e preto cria uma nova cor: um tom quente de terra, que transmite força e juventude. Os cabelos também parecem se abraçar.

Em seguida, Filó tira dos pequeninos pés os chinelos surrados, enquanto Carlinha também deixa em um canto seus sapatos cor-de-rosa. Elas correm descalças pelo quintal, sobem na mangueira e cantam músicas suaves. São crianças livres e felizes!

Seu João da Rapadura estava mesmo errado.

A vida é muito boa!

Instituto Adventista Paranaense
Biblioteca
Prof. Vanda dos Santos Candido